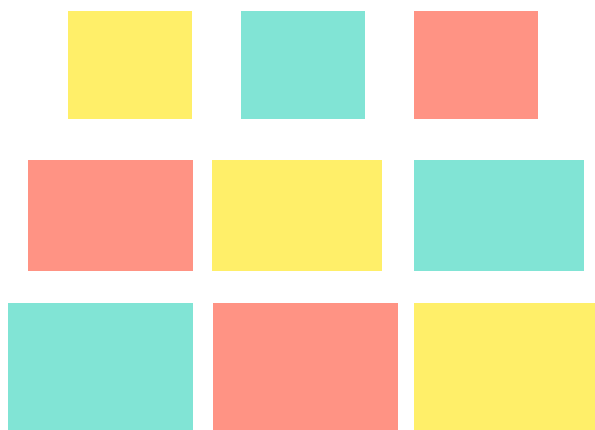


O que é a Universidade?

Tens a certeza de que sabes?

Por Miguel Rodrigues

2023



GBU

Rua Raul Mesnier du Ponsard 7-D, 1750-148 Lisboa
tel. 917 674 536 - gbu@gbu.pt - www.gbu.pt

O Grupo Bíblico Universitário (GBU) é uma Associação que tem como missão promover o conhecimento, vivência e comunicação da mensagem de Jesus Cristo entre estudantes do Ensino Superior em Portugal. O GBU procura ter uma abordagem integral de formação e intervenção, incluindo no que diz respeito à aquisição de uma visão 360º daquilo que é a “Universidade” e incentivando os estudantes à participação nas várias dimensões do espaço académico. Existem grupos GBU em cerca de 30 instituições universitárias em todo o país, tendo como actividades regulares: grupos de leitura; debates; conferências; seminários/workshops; acção social; e eventos sociais.

O QUE É A UNIVERSIDADE? TENS A CERTEZA DE QUE SABES?

Autor: Miguel Rodrigues

O Miguel Rodrigues é graduado e cooperador do GBU, bem como Professor e Investigador no Instituto Superior Técnico (Universidade de Lisboa), na área de Engenharia Química.

Edição e Revisão: David Raimundo e Manuel Rainho
Edição Gráfica: Débora Campos

© Grupo Bíblico Universitário de Portugal, 2023.

O QUE É A UNIVERSIDADE? TENS A CERTEZA DE QUE SABES?

1. Mais que outra “cartilha”

A Universidade na fronteira do desconhecido	2
A Universidade, lugar de realização e superação	3

2. A verdade por um lado e pelo outro...

A Academia: espaço de escrutínio da verdade	5
A fé e as verdades postuladas na Academia	6
Desconstrução: método para apurar a verdade	7
Autonomia para investigar	8
Os vícios da academia e a importância das novas gerações	10

3. O que faz um aluno (cristão) na universidade

Viver a Universidade para lá do utilitarismo	10
A necessidade de uma perspectiva de serviço e discipulado	11
Universidade: etapa definidora e preparadora da vida adulta	13
Ser “sal e luz”: um desafio e um exemplo	14
Pertencer a um outro “quadro de honra”	16

1. Mais que outra “cartilha”

A Universidade na fronteira do desconhecido

A tendência dos alunos que chegam à Universidade é assumir que esta é mais uma escola, onde eles poderão ser instruídos em estudos de complexidade superior relativamente ao que já estudaram. Ou seja, a Universidade permite-lhes continuar a ser estudantes como até então, desenvolver capacidades intelectuais como até então... Esta é uma perspectiva utilitarista de quem vê o conhecimento como um bem pré-formatado, exacto e impessoal, mas que não descreve a dimensão histórica e social da Universidade.

A Universidade tem uma identidade própria, composta por dinâmicas e “liturgias” que também a caracterizam, e que, no seu conjunto, marcam profundamente a vida dos alunos em várias dimensões.

O aspecto mais importante a realçar, que se distingue das outras escolas, é que a Universidade não serve apenas os alunos, serve igualmente os investigadores e cientistas que se debatem na linha da frente do conhecimento, onde a fronteira não está definida, onde se enfrenta a complexidade do desconhecido. Esta característica faz com que a Universidade seja um lugar de heróis; Aristóteles, Galileu, Newton, Einstein, Bohr, Heisenberg, Gauss, Euler, Curie, Lineu, Galeno, Freud, Pasteur, e tantos, tantos outros, muitos dos quais ainda não compreendemos a relevância da sua contribuição para as nossas vidas. Não devemos por isso limitar a missão da

Universidade à organização de muitas aulas em paralelo, onde professores prestam um serviço de formação a clientes que esperam adquirir competências que lhes permitam vencer a concorrência laboral. A Universidade é, acima de tudo, uma instituição de dimensão intemporal e internacional, onde podemos alistar-nos, para pertencer a uma fraternidade de tantas referências que moldaram a nossa História e onde podemos concorrer pelo nosso estatuto no domínio das mesmas especialidades. Na universidade é suposto que os manuais escolares “pré-digeridos” desapareçam e que a distinção entre professores e alunos se desvaneça, à medida que as etapas ou unidades curriculares são vencidas, quais rituais de iniciação. No final, quem sabe aquando da defesa da tese de doutoramento, os que avaliam serão confrontados e desafiados com a novidade do trabalho dos que agora se formaram. Muitas teses marcaram a história da ciência como as de Marie Curie, John Nash, Richard Feynman ou Stephen Hawking, entre outros.

A Universidade, lugar de realização e superação

Esta perspectiva da Universidade pressupõe que hajam limites mínimos para que alguém seja merecedor de um grau, mas também, que não existam limites máximos para o reconhecimento – novos heróis surgirão entre as salas e corredores onde nos desafiemos mutuamente, nas rotinas diárias das nossas atividades, seja através das conversas e amizades, seja pelas provas. Capacitar talentos é talvez a

principal missão da Universidade, o que pode também ser frustrante para alguns alunos, que tendo terminado a escolaridade obrigatória com distinção, encontrarão finalmente os seus pares e também os seus limites.

A Universidade, é por isso, um lugar de realização e expressão criativa da humanidade, onde buscamos e reconstruímos as peças de um grande puzzle, na forma de ensaios, teoremas, procedimentos, instrumentos, protótipos, etc, que nos permitem chegar a uma maior dimensão de nós mesmos, seja individual ou coletivamente. Esta ambição, nem sempre convergirá para o bem, mas, no geral, financiamos a investigação nas universidades porque confiamos-lhe a competência para encontrar os caminhos para onde nos levam os sonhos. Os ideais de uma vida mais justa, mais sustentável, mais plena, mais vasta, requerem uma criatividade que vá além dos limites do conhecimento actual, e que se encontrem ferramentas que superem as capacidades da tecnologia disponível; essa é uma missão da Universidade.

2. A verdade por um lado e pelo outro...

A Academia: espaço de escrutínio da verdade

A Universidade deveria ser um espaço de “culto” da verdade, mas não é o lugar para se encontrar “a Verdade” na sua expressão idílica (absoluta). Tal como disse o matemático George Box “todos os nossos modelos estão errados, mas alguns são úteis”. É inquestionável a utilidade da formação universitária, mas não é pelo valor absoluto do conhecimento, como se um conjunto de proposições lógicas e verdadeiras nos capacitassem por meio de um simples *upload* para a nossa mente. Possivelmente, um dia existirá a possibilidade de fazer *upload* de dados directamente para a nossa memória cerebral, mas devemos sempre questionar a fiabilidade desses dados. Nisto reside uma boa parte do “espírito académico”, que consiste numa espécie de voto para com o cepticismo. A academia não se detém com verdades inquestionáveis, ou pessoas inquestionáveis, como se alguém tivesse a mesma perspectiva do Criador, que sabe o que fez, como fez e porque fez. Mesmo que alguém tivesse registado as palavras do próprio Criador, certamente que não estaria isento de escrutínio académico. Na verdade, também os cristãos cedo tiveram de formar academias, onde os seus membros mais sábios foram chamados para decidir sobre quais seriam os livros inspirados, qual a interpretação mais fiel do texto original, quais as doutrinas que melhor descrevem as

propriedades de Deus e da Sua Igreja, etc. O estudo destas matérias persiste e o seu resultado são várias variantes do cristianismo, várias denominações, enfim, vários modelos de interpretação e vivência prática do que é “ser cristão” e “ser Igreja”.

A fé e as verdades postuladas na Academia

As academias, sejam elas de natureza teológica ou de quaisquer outras ciências, não são adversas à definição de verdade axiomática (absoluta). Contudo, apenas conseguiremos provar estas verdades se elas forem muito pouco abrangentes e muito circunscritas. Pois as verdades mais importantes não serão demonstráveis dentro das nossas lógicas – restam-nos as convicções - a fé. A fé faz parte do formalismo de qualquer arquitectura lógica, mesmo que alguém defina que “o homem é a medida de todas as coisas”, tal como fez Protágoras, a lógica diz-nos que ainda sobra um universo demasiado amplo comparado com o nosso *habitat*, e que a medida do nosso tempo (da humanidade) é demasiado curta para ser definidora de todas as razões de ser de todas as espécies, de todos os mundos, de todos os universos, de todos os tempos. Ou seja, existe sempre uma incompletude nos nossos modelos, nas nossas lógicas. Esta propriedade dos sistemas lógicos foi elegantemente ilustrada por Kurt Gödel: por melhor que construamos a lógica do nosso sistema, haverá sempre “verdades” importantes na nossa arquitectura que não

poderão ser provadas como verdadeiras ou falsas (teoremas da incompletude). Isto tende a acontecer sobretudo com as proposições mais estruturantes da nossa sociedade, tais como “todos os homens são iguais em direitos”, “a vida existe e merece ser respeitada”, “contribuir para o bem comum tem mais valor do que não o fazer”. Estas são algumas das verdades postuladas que, apesar de não podermos provar como verdadeiras, nos levam a construir universidades e encaminham muitos para a academia. Mesmo que na maioria dos cursos não falemos explicitamente da nossa fé nestes postulados, eles constituem exemplos de motivações intrínsecas que nos levam a vencer as muitas adversidades académicas.

Desconstrução: método para apurar a verdade

Apesar da clarificação de intenções sobre o que é a “verdade académica”, é muito importante esclarecer que grande parte das rotinas e das ansiedades que se vivem na Universidade passa pela distinção entre proposições verdadeiras e falsas. Aos alunos recomenda-se que apresentem sobretudo proposições verdadeiras (respostas certas) nos momentos de avaliação; contudo, tipicamente, os alunos que memorizam teorias e modelos não têm classificações tão boas como aqueles que conseguem desconstruí-los e discutir com argúcia as suas limitações. Esta dicotomia, de que, por um lado, as nossas teorias explicam algumas coisas, mas que, por outro lado, outras coisas ficam mal-enquadradas, é a rotina e o

modelo das boas práticas académicas. Todas as teses, todos os artigos, todos os trabalhos académicos, têm arguentes, revisores, pessoas com a função de contribuir para o nosso trabalho através da desconstrução da nossa argumentação e da exposição do lado escondido, o lado frágil das nossas teorias. Isto não é típico de outras casas da retórica, onde, por exemplo, os parlamentares defendem “certezas” ocultando deliberadamente as fragilidades das suas posições políticas para implementarem as suas convicções com a menor resistência possível. Na academia a boa prática é apresentar voluntariamente os limites do nosso trabalho, juntamente com as suas valências; até porque, assim, evitam-se momentos de muito embaraço nas avaliações.

Autonomia para investigar

Por esta razão, se quiserem uma explicação simples sobre algum fenómeno natural, não é recomendável que o perguntem a um professor especialista dessa área. Ele vai apresentar-vos uma descrição incompreensivelmente pormenorizada, com vários parêntesis em que vos falará de versões alternativas das teorias, detalhes que ele pessoalmente acha que são “tretas”, mas que cita por não ter evidências suficientes em contrário. Esta ilustração é descritiva da paixão (até obsessão) que se encontra entre os docentes a respeito das suas especialidades. Este tipo de compromisso com a verdade, que é característico da academia, é reconhecido como um bem fundamental para a sociedade. Por esta razão, é concedido aos

docentes contractos de trabalho com “tenure”, ou seja, com autonomia para investigar livremente e se expressar cientificamente sem temer pelo seu emprego. É comum os docentes académicos serem chamados para se pronunciar sobre a sua interpretação dos factos, de forma a que os políticos possam tomar decisões governativas, devidamente informados da “verdade académica”. Por exemplo, alguém deve esclarecer se será melhor vacinar ou não vacinar contra um novo vírus, antes que toda a população seja sujeita a essa prática. A *tenure* impede que um docente seja despedido, ou transferido, por condenar decisões dos poderes governativos, que eventualmente possam estar menos interessados na verdade académica. É comum que após as eleições existam alterações nos gabinetes de muitas instituições, onde os cargos passam a ser desempenhados por pessoas de “maior confiança” política, contudo isto não pode ser feito nas universidades pois pressupõe-se que a verdade que buscamos neste lugar é diferente, e de certa forma maior, do que a “verdade” das maiorias. Esta separação de poderes é um bem das sociedades democráticas e permite que os docentes persistam como os guardiões das ciências e dos programas de formação académicos, de forma a que as futuras gerações possam continuar a adquirir ferramentas racionais que dificilmente encontrarão noutra lugar.

Os vícios da academia e a importância das novas gerações

Apesar da importância estrutural da Universidade e de promovermos condições favoráveis ao desenvolvimento do conhecimento, das ciências e das tecnologias, esta instituição não é isenta de vícios. A academia tem alguma tendência para a personificação do conhecimento, competição pelo reconhecimento ou perseguição da “imortalidade”, o que condiciona as agendas para a vaidade, egos e outros interesses que se sobrepõem ao serviço público. Mas o mais interessante sobre a “verdade académica” é que, mesmo quando as coisas decorrem normalmente, existe naturalmente uma forte resistência para a sua actualização e regeneração. Max Planck (outro grande herói académico) disse que “muito raramente um Saulo se transforma em Paulo” e, portanto, o progresso na ciência não acontece tanto quando os cientistas mudam a sua visão dos factos, mas sim porque novas gerações de cientistas nos trazem diferentes perspectivas.

3. O que faz um aluno (cristão) na universidade

Viver a Universidade para lá do utilitarismo

A Universidade regenera-se todos os anos com a entrada de novos alunos. Os novos alunos trazem novos hábitos e novas sensibilidades. Em certa medida, estes pressionarão os seus professores a desenvolver novas estratégias e a adoptar novas

ferramentas. Apesar de a Universidade não existir para servir apenas os alunos, na prática a energia vital da Universidade e o seu grande dinamismo provém da intensidade com que estes vivem a vida académica. Há por vezes uma perspectiva consumista dos cursos, como se eles fossem a porta para uma carreira de sucesso, ou para a realização profissional. Alunos que embarquem nesta modalidade de “universidade” têm tendência a querer evitar a própria Universidade. Esforçam-se por usufruir o mais remotamente possível do *upload* de dados que lhes permita obter a sequência necessária de carimbos de “aprovado”. A sua finalidade é passar esta fase complexa e “começar a vida” profissional o mais depressa possível. Não há dúvida de que os cursos são “vendidos” como portas para o emprego, o que também reforça esta ideia consumista e dificulta a grande missão da Universidade que é, na minha perspectiva, ser uma escola de discipulado. A ideia de que o conhecimento é um bem impessoal (informação) e de que o objectivo é vencer a concorrência dos colegas, obtendo a nota mais alta, deve ser desconstruída a favor de um modelo de serviço e discipulado que consista em “aprender a ser”.

A necessidade de uma perspectiva de serviço e discipulado

Esta aprendizagem não decorre linearmente das matérias lecionadas pelos professores, mas decorre também do ambiente académico, onde se proporciona a bilateralidade

necessária para “aprender a ser”. Esta perspectiva de “ser” é muito mais coerente com os papéis que teremos de desempenhar socialmente, quando efetivamente concluirmos o curso, do que o modelo de “fazer cadeiras” e aparecer em “quadros de honra”. Actualmente, chegam-nos muitas queixas das empresas relativamente às entrevistas para primeiro emprego. Começa a generalizar-se uma atitude em que os candidatos querem saber logo na primeira entrevista o que têm de fazer para obter a promoção para os lugares de liderança e pedem esclarecimentos sobre os prazos em que isso decorrerá. Ou seja, a liderança é vista como um bem, mais um “quadro de honra” para conquistar, e não como serviço e fruto do disciplinado. É impossível desempenhar a maioria das profissões sem uma perspectiva de serviço, assim como é impossível as nossas instituições e empresas subsistirem sem uma perspectiva de formação por experiência em equipa (disciplinado) no contexto de grande competição internacional. A maioria dos alunos não consegue reter a maior parte da informação que lhes é transmitida através das aulas durante o curso – estudos sugerem que menos de um terço dessa informação é retida. A Universidade seria, portanto, uma instituição extremamente ineficiente se tudo se resumisse à mera transmissão de conhecimentos intelectuais. A verdadeira aprendizagem completa-se quando temos que saber o suficiente para conseguir formar outros - disciplinado.

Universidade: etapa definidora e preparadora da vida adulta

O “aprender a ser”, extravasa os terrenos da própria Universidade, estendendo-se a cidades inteiras que se convertem em “centros de campanha” acadêmica. A Universidade proporciona, para a generalidade dos alunos, o primeiro desafio sério, ou de complexidade, da sua vida adulta. Em muitos casos, os alunos deixarão a casa dos seus pais e irão para residências ou apartamentos, que dividirão com colegas de outras origens, com outras personalidades, com outros hábitos e outras féis. Independentemente das valências intelectuais de cada um, este tipo de mudança requer outras competências que a maior parte dos alunos ainda não precisou desenvolver, e, também por isso, esta será uma etapa definidora na vida de muitos. Tudo será posto à prova: os sonhos, as personalidades, as valências, as fraquezas, as paixões, a fé. Muitos aprenderão a vencer o desânimo, diante das cadeiras complexas que os detêm (com persistência), ou por terem de aceitar ficar abaixo da média. Muitos serão procurados pelos seus colegas para que os liderem, seja em grupos de trabalho, em eventos, em organizações e associações acadêmicas, sejam políticas, desportivas ou religiosas. Muitos receberão a responsabilidade de representar os colegas de curso, de vender T-shirts, de encontrar patrocinadores, de cooperar nas aulas, de organizar bases de dados, de atrair novos candidatos, de receber e ser tutores dos recém-chegados. Muitos ajudarão outros a vencer doenças e

outras limitações, a ultrapassar injustiças, superar desgostos, compreender os erros, tomar decisões, enxugar as lágrimas, fortalecer a fé. Enfim, há toda uma Universidade que acontece entre os futuros engenheiros, professores, políticos, legisladores, médicos, etc, que os prepara para viver entre os seus pares. Existem já muitas associações e projectos onde alunos e professores podem servir, e outras surgirão, tecnológicas, científicas, lúdicas, de apoio social.

As matérias e projectos académicos fornecem o enquadramento internacional das nossas carreiras, mas a aprendizagem extravasa muito além da interação com o programa de curso e expande-se numa rede de pessoas que inclui também colegas de outros cursos, professores, orientadores, pessoas que estarão em diferentes sectores profissionais e que serão referências com que poderemos interagir.

Ser “sal e luz”: um desafio e um exemplo

A maioria recordará com nostalgia o tempo da Universidade, alguns recordarão os seus professores nas suas idiossincrasias ou nas suas frases emblemáticas (que nos proporcionarão boas ilustrações). A maioria recordará todo este processo que os ajudou a fortalecer a sua identidade, num contexto que se ajusta à contribuição que querem dar para a sociedade. Alguns descobrirão que os outros lhes confiam os problemas técnicos mais complexos, outros descobrirão que são merecedores de confiança para fechar negócios e entregar

projectos internacionais, outros são ouvidos entre os seus pares e liderarão equipas, resolverão conflitos, farão a diferença. Este tipo de atitude para com a sociedade deve ser primordial para um cristão. Antes de pensar em ter boa remuneração salarial e no nível de vida a que poderá almejar, o cristão deve pensar em “ser”; nomeadamente deve pensar em ser como o sal e como a luz. Esta comparação torna-se por vezes um *cliché* que conseguimos colar a qualquer opção de vida. Penso que um exemplo pode ilustrar melhor o que é “ser sal e luz” no meio académico. Em 1943, estudantes da Universidade de Munich (LMU) assistiam às doutrinas e práticas do regime Nazi para com os judeus e para todos os que não apresentassem os requisitos de “pureza”, mesmo que fossem alemães (por exemplo , também as crianças com problemas mentais eram encaminhadas para o “paraíso” em câmaras de gás). Num contexto em que dois terços da Alemanha se confessava cristã mas, ao mesmo tempo, se compatibilizava com o Nazismo, um pequeno grupo de estudantes liderados pelos irmãos Hans e Sophie Scholl não se conformaram. Tinham a profunda convicção de que, pela proclamação da verdade, haveriam de abrir uma brecha na máquina de propaganda do regime Nazi e haveriam de contaminar toda a sua universidade e sucessivamente todo o seu país, para que acordassem face a tanta insensibilidade e mentira. Nasce assim uma nova associação (secreta) na LMU, a “White Rose”, fruto da experiência de alguns estudantes e também de um professor que, nas suas especialidades e

também no serviço militar a que estavam obrigados, viram os factos com olhos da verdade de Jesus. Tomaram a iniciativa de escrever artigos com a verdade dos factos e começar a enviá-los por correio um pouco para toda a Alemanha. Este pequeno núcleo da LMU viveu com profundidade a fé cristã na sua Universidade, ou seja, souberam “ser” cristãos de uma forma visivelmente diferente – iluminadamente diferente - de tantos outros ditos “cristãos”. Eles fizeram de pessoas de outra religião (Judeus) o seu “próximo”, eles abraçaram a causa daqueles que não se podiam defender, eles queriam trazer verdade a um mundo onde a comunicação era apenas uma máquina de manipulação. A sua diferença foi vista “como uma cidade edificada sobre um monte” e por isso os seus esforços tiveram consequências difíceis. Foram julgados e executados sumariamente e em segredo, para evitar que a sua “luz” se visse e que o “sal” viesse a contaminar outros.

Pertencer a um outro “quadro de honra”

Aqueles alunos da LMU em 1943 não trabalharam para chegar ao quadro de honra da sua turma, antes, eles pertenciam a outro quadro de honra que não pode ficar registado neste mundo, pois podemos dizer que “o mundo não era digno deles” (conforme está descrito no capítulo 11 do livro de Hebreus). Hoje estes estudantes são o orgulho da LMU e da maioria dos alemães, símbolo de uma versão da Alemanha “edificada sobre um monte” que, tragicamente, não se conseguia vislumbrar naquela década – mas que existia nos

corredores da LMU. O sal e a luz farão a diferença. A inteligência faz muita coisa, a inteligência artificial fará ainda mais, mas a inteligência nada “é” por si mesma – precisamos de bons postulados! Nós somos filhos daquele que É, e temos a responsabilidade de saber quem queremos ser.

A verdade é um bem muito complexo, difícil de distinguir, mesmo para os que se confessam cristãos. Mas diante de Pilatos, Jesus redefiniu a Verdade como algo que pode ter posse sobre os seres humanos, revertendo assim a ideia de que são os seres humanos que têm posse sobre a verdade. Aqueles que são da Verdade, ouvem a Sua voz, e Ele faz neles morada. O capítulo 11 de Hebreus é uma boa definição sobre o que é “ser da verdade” e é também uma boa inspiração para ser sal e luz numa etapa que é nova e definidora, mas que ainda assim é limitada para quem tem a perspectiva da eternidade. Tal como na lista de Hebreus 11, alguns serão prósperos como José, governantes ou líderes, mas outros não terão reconhecimento terreno. De qualquer forma, o mais importante é o final: “todos estes, embora louvados por causa da sua fé, não chegaram a receber as promessas de Deus. É que Deus tinha previsto para nós um plano melhor e, por isso, não quis que eles, sem nós, atingissem a perfeição”.

O nosso tempo ainda não terminou, esta família ainda não está completa, e é muito possível que tu sejas um dos membros que estão em falta – bem-vindo à Universidade.

**GRUPO BÍBLICO
UNIVERSITÁRIO**